







Conjunto  
Arquitetónico



Imóveis de  
Interesse



Arte Sacra  
Igrejas / Capelas



Fontes



Percursos  
Pedestres



## Paisagem Cultural do Alto Douro Vinhateiro Património Mundial – o território de Ervedosa do Douro

A paisagem cultural do Alto Douro Vinhateiro associa, a uma área natural de encostas íngremes e solos acidentados, a ação ancestral do Homem na adaptação do recurso solo às suas necessidades agrícolas. Assim resultou uma paisagem única, produto da modelação da paisagem em socalcos com vista à sua proteção relativamente à ação da erosão e permitindo o cultivo da vinha que se tem assumido, desde a ocupação romana, segundo técnicas diferentes, como o grande vetor de desenvolvimento desta região, dinamizando não só a economia, como a tecnologia, a cultura ou a tradição local.

Na área geográfica classificada do Alto Douro Vinhateiro Património da Humanidade, e percorrendo o território de Ervedosa do Douro, o seu espaço agrícola, a sua paisagem cultural, encontra-se a essência deste *terroir*; o território do vinho, com toda a construção da paisagem, seja ela recente ou mais recuada no tempo e todas as construções vernaculares, desde as quintas, os socalcos, os caminhos carreteiros, os armazéns de vinho... Esta paisagem reflete os quotidianos e as práticas destas comunidades perante o espaço natural, que o transformou em território agrícola, em paisagem cultural vinhateira.

Com grande predominância de quintas produtoras de vinhos do Porto e DOC Douro, algumas com reminiscências ao período medieval e moderno, sobressai no mosaico desta paisagem, a pequena e média propriedade agrícola, que no seu todo, modelam o mosaico identitário deste território.

Aproveitando a sua localização geográfica com o rio Douro, e um dos seus afluentes, o rio Torto, neste território de Ervedosa do Douro, subsistem exemplos paisagísticos e agrícolas demonstrativos desta evolução e transformação do Douro, marcos definidores e identitários da substância do *terroir* Douro.

Este território enquadra-se na paisagem cultural do Alto Douro Vinhateiro Património Mundial, classificação atribuída pela UNESCO em 2001, na sub-região vitivinícola do Cima Corgo, inserida em plena Região Demarcada do Douro, criada e regulamentada em 1756.

Na antiguidade clássica acreditava-se que a Natureza possuía ao todo quatro elementos...terra, ar, água e fogo. Neste território também é vinho. Um território com História... Percorra, olhe e sinta o espírito do lugar. Conheça as essências definidoras da sua identidade: Douro.







Ervedosa do Douro

Casais do Douro

Bateiras

Sarzedinho

Muitas vezes apenas designada de Ervedosa, este aglomerado recebeu em 1274 carta de aforamento dada pelo Mosteiro de S. Pedro das Águias. No ano de 1614, a vila de Ervedosa era propriedade da Coroa, tendo uma freguesia de invocação a S. Vicente com cerca de 180 vizinhos, possuindo um juiz ordinário que também serve de juiz dos órfãos, inquiridor e contador, e um vereador e procurador.

Para o ano de 1781, é indicada a existência de “19 fogos com 229 almas”, e em 1842 “*Ervedosa possuía 270 fogos e 1413 habitantes (...) Casais 61 fogos e 236 habitantes (...) e Serzedinho 46 fogos e 85 habitantes.*”

Era donatário de Ervedosa em 1804, Filipe de Sousa Canavarro, Marechal de Campo e Fidalgo da Casa Real. Foi sede de concelho, sendo extinto em 1834, transitando no ano de 1852 para S. João da Pesqueira, tendo sido curato da apresentação do Convento de S. Pedro das Águias, passando mais tarde a vigararia.

Através das disposições produzidas pela Câmara de Ervedosa, pode-se compreender o *modus vivendi* das instituições e destas comunidades: entre 1774 e 1799, eram nomeados sempre três vereadores e um procurador, em 1828 também são nomeados três vereadores, um procurador e um escrivão de câmara (o

escrivão e as almotacarias eram pertença real, sendo competência da câmara nomear os almotacés – responsável pela fiscalização de pesos e medidas, que taxava os preços dos géneros alimentícios), o senado da câmara reunia-se numa casa “*que serve de audiência e esta também serve de cadeia (...) junto à casa da câmara existia um açougue e um curral dos gados*”, sendo que o concelho ainda possuía forno para que os moradores cozessem pão, um moinho, várias fontes, algumas casas e a Quinta de Luzelas.

Percorrendo o núcleo principal de Ervedosa do Douro, a Igreja de S. Vicente apresenta na sua capela-mor um

retábulo barroco da fase nacional deste estilo arquitetónico. Este imóvel foi reedificado em 1841, visualizando-se no seu exterior, uma torre sineira construída de acordo com parâmetros do século XVIII, e uma fachada principal, com soluções e simbologia a recordar fisionomias arquitetónicas da época medieval.

Ao longo do século XVIII, e especialmente a partir da sua 2ª metade, surgem neste território, inúmeros solares e casas aristocráticas, sendo um desses exemplos a Casa dos Savedras (Casa do Cão), casa brasonada com pedra de armas ao centro da empena circular que remata a fachada de pequenas dimensões. Foi pertença da





Ervedosa do Douro

Casais do Douro

Bateiras

Sarzedinho

família Savedra, e deve o seu nome à representação zoomórfica patente no seu brasão. Contudo, o impulso da economia vinhateira ao longo do século XIX (com interregnos face à proliferação da doença da filoxera nas vinhas), proporcionou o aparecimento de outros edifícios em que são construídos ou ampliados nos territórios rurais, espaços onde no rés-do-chão subsistem áreas de apoio ao trabalho agrícola e os pisos superiores são dedicados ao quotidiano social (Rua do Arrabalde, E.N.222, Rua da Portela, Rua de Santa Catarina).

O final do século XIX, e início do século XX trouxe uma nova linguagem arquitetónica, resultado dos fluxos

migratórios e contatos com o Brasil, do qual subsiste um exemplar neste aglomerado com uma linha *arquitetónica brasileira*, uma arquitetura imbuída de materiais e técnicas de construção muito utilizadas durante as primeiras décadas do século XX.

Para além desta variedade arquitetónica, subsistem ainda neste aglomerado, apontamentos arquitetónicos alusivos a casas e linhagens de cariz nobiliárquico, para além da presença da simbologia do poder central, expressa na Fonte do Ribeiro (1877-78) com pia de rebordo curvo, de espaldar rico, rematado por três

floreiras. A decoração central consiste numa cartela oval sobrepujada por um brasão com as armas nacionais. A simbologia dos espaços religiosos é ainda reforçada, com a presença das capelas da Senhora do Socorro e Santa Bárbara, e apontamentos processionais, como acontece ao cimo da Rua da Portela.

Uma curiosa descrição de 1929, retrata esta ambiência de Ervedosa do Douro *“entre os casebres de xisto argiloso, pardos, plúmbeos e acastanhados, sobressaem os bicos petulantes dos chalés modernos e algumas casas mais antigas de construção maciça (...) duas destas, ainda brasonadas, foram mansões senhoriais (...) os*

*bailes, os concertos, as festas que nelas se realizavam (...) passaram até solistas do teatro de S. Carlos (...) antes da crise vinhateira, era a terra das libras doiradas (...) quando o Douro era o Brasil dos Galegos que por aqui estanciavam meses seguidos (...)”*.

Na periferia do atual aglomerado populacional, subsiste um exemplar representativo do património industrial deste território, a “Antiga Fábrica”, onde do bagaço eram extraídos óleos (de acordo com informações obtidas e da memória das pessoas) e da qual subsiste o espaço arquitetónico e uma chaminé industrial em tijolo.







Ervedosa do Douro

Casais do Douro

Bateiras

Sarzedinho

A emergência do território do vinho

Esta ligação ao território agrícola e ao rio Douro encontra-se na base do aparecimento dos povoados de Casais do Douro, Bateiras e Sarzedinho. A paisagem vitivinícola marca e impulsiona o seu aparecimento. Foi, e é, a produção de vinho e azeite, as principais atividades económicas deste território, estando desde logo vincada a potencialidade vinícola em 1757, na elaboração do Mapa das Instruções das Demarcações.

Nesse documento a *“vila de Ervedosa produz a beira do Douro em algumas quintas particulares (...) vai também o tinto para a feitoria e o branco sempre, e o refugo para ramo de 25 réis, e o mais da freguesia de*

*ramo para 20 e 15 réis”* sendo o custo dos carretos dos vinhos de Ervedosa para o rio Douro *“de 120 a 900 réis”* e o respetivo *“frete na barca até à cidade do Porto de 1100 réis (...)”*. Nas referências para Casais do Douro e Sarzedinho, em ambos os casos *“Dá vinho de ramo 20 e 15 réis”* sendo o custo dos carretos dos vinhos *“de 600 a 800 réis”* e o respetivo *“frete na barca até à cidade do Porto de 1100 réis (...)”*. Subsiste ainda a referência *“ao lugar de Roris (...) dá vinho de feitoria, algum de ramo de 25 réis e 20 réis”* sendo o custo dos carretos dos vinhos *“de 200 a 300 réis”* e o respetivo *“frete na barca até à cidade do Porto de 1100 réis (...)”*.

Pela observação do Mapa das Demarcações de 1761, as áreas junto ao rio Douro, como Roriz, produzem vinhos de feitoria (para exportação) de 19.200 réis e 15.000 réis, neste último valor também se inclui as Carvalhas. O vale do rio Torto, Ventozelo e periferia de Roriz, vinhos de feitoria de 10.500 réis, existindo manchas em Ervedosa e Casais do Douro com vinhos de feitoria de 6.400 réis.

A produção vitivinícola vai-se assumindo cada vez mais neste território, onde em 1802 são produzidas 527 pipas de vinho para exportação, no ano seguinte 859 e em 1809, 981 pipas. Nas várias referências

cartográficas deste território vitivinícola (*Mapa do Paiz Vinhateiro do Alto Douro*, de 1843, do Barão de Forrester) surgem diversas quintas produtoras de vinho, estando também mencionadas noutros trabalhos cartográficos do mesmo autor, como é exemplo o *Mapa do Douro Portuguez e Paiz Adjacente* (1848), mapa do percurso do rio Douro com os obstáculos naturais ali existentes, assim como os locais de passagem, os portos das barcas de passagem e as localidades mais próximas ao rio Douro. Casais do Douro (*Casaes ou Cazaes do Douro*), Bateiras (*Batteiras*) e Sarzedinho (*Serzedinho*) vão acompanhando esta nova realidade vinhateira.





Ervedosa do Douro

Casais do Douro

Bateiras

Sarzedinho

A emergência do território do vinho

Contudo, no final do século XIX, a invasão da filoxera, provoca a destruição de muita área de vinha neste território, sendo indicadas nos anos de 1873 a 1877 (*Carte du Pays Vignoble du Haut Douro*) áreas afetadas principalmente em Casais do Douro, nas Carvalhas e em Ventozelo, e entre 1876/77, em Roriz e na Teixeira. A produção vitícola vai persistindo com a introdução de novas técnicas e a uma nova construção da paisagem vinhateira, sendo indicadas no ano de 1878 (na *Carte Vinicole du Douro*), vinhos de 1ª qualidade nas áreas da margem do rio Douro (*Roriz, Ventuzello Novo, Ventuzello Velho*) e vinhos de 2ª qualidade nas áreas mais altas.

A definição final da Região Demarcada do Douro acontece em 1921, correspondendo à atual demarcação. Para além do vinho, a produção de azeite encontrou neste território ótimas condições de desenvolvimento, proporcionando uma mais-valia económica para estas populações. Em 1880, Ervedosa do Douro produziu 10086 L (80 réis por L) Casais do Douro 5023 L e Sarzedinho 1008 L. Em 1933, são produzidos 29935 L em Ervedosa do Douro, 21239 L nos Casais do Douro e 11637 L no Sarzedinho, que também produziu 160 L de milho de regadio. Existem ainda áreas de cultivo de cereais, persistindo em 1938 um moinho movido a água

no rio Torto e um moinho movido a vapor na “*Estrada Nacional n. 5 em Ervedosa do Douro*”.

A proximidade com o rio Douro e a necessidade de o atravessar leva a que desde muito cedo sejam estabelecidos locais de passagem por barca para a outra margem, e ao redor desses locais foram aparecendo pequenos lugares, como será o caso das Bateiras, por onde já passava uma estrada principal. Para este território, era arrematada pela Câmara Municipal de S. João da Pesqueira, entre 1944 e 1960, a barca de passagem entre Cotas (estação ferroviária de Cotas-Alijó) e a quinta de José Sarmento (Ervedosa do Douro).

Próximos de quintas produtoras de vinho (Sarzedinho), atravessados por uma importante via de comunicação (Casais do Douro) ou próximos do rio Douro e da foz do seu afluente rio Torto (Bateiras), formam aglomerados singulares nesta paisagem cultural, sendo objeto de posturas municipais, como aconteceu em 1871, quando se estabelece que todos os proprietários de prédios urbanos de Ervedosa do Douro e Casais do Douro deverão cair os edifícios “*de oito em oito anos (...) nos pontos ou estradas-ruas, onde são atravessadas pelo ramal da estrada, que liga as Bateiras com a villa da Pesqueira (...)*”. Momentos e percursos da História Local.







Sarzedinho  
(panorâmica a partir  
da E.M. 505)



Casais do Douro  
(panorâmica a partir  
da E.N. 222)

Vale do rio Torto





## A evolução e transformação da paisagem cultural no território de Ervedosa do Douro

O vale do Douro é caracterizado por áreas de recorte abrupto e encaixadas, e áreas abertas, ao longo das quais percorre o seu recurso mais importante, o rio Douro, e para onde confluem diversos afluentes. Grande parte dos seus solos denominam-se de antrossolos (desagregação da rocha e mistura de camadas) o que permite uma ótima instalação e penetração da vinha, evitam a erosão e permitem uma temperatura constante ao longo do ano. Os valores de precipitação média anual situam-se entre os 600-800 mm e a temperatura média anual está compreendida entre os 12,5º C e os 14º C.

Este território apresenta um mosaico de paisagem diversificado, alternando áreas agrícolas, com manchas de matos de cariz mediterrânico, vários povoamentos florestais e manchas de vegetação espontânea, onde prolifera a urze, a esteva, o medronheiro. Para além do sobreiro, carvalho e zimbro, subsistem nas galerias ripícolas dos afluentes do rio Douro espécies vegetais, como os choupos, amieiros e salgueiros. Estamos perante uma paisagem de diversidades, onde para além dos diversos espaços naturais e conservacionistas, existe uma paisagem cultural histórica, de vocação vitícola, que se foi adaptando a estas condições naturais.

Uma das formas de armação do terreno no território do Douro, foi a construção de socalcos em xisto, respeitando o sentido das curvas de nível do local onde seriam construídos.

Numa primeira fase, os socalcos, ou geios, são mais estreitos e compreendem no seu interior um ou dois bardos de vinha (socalcos pré-filoxéricos), subsistem ainda em vários casos a construção de pilheiros, pequenas concavidades em formato quadrangular embutidas nos socalcos, onde posteriormente eram plantadas videiras.

Paralelamente, também aparecem os denominados mortórios, antigos socalcos que foram abandonados e onde foi posteriormente proliferando a flora mediterrânea, ou recolonizados por outras culturas, como a oliveira, amendoeira.

Após a invasão da filoxera (1867), praga que destruiu muitas vinhas e que “obrigou” à introdução de porta-enxertos americanos que é resistente a esta praga, a paisagem deste território assiste a uma nova fisionomia, com a construção de novos socalcos, com mais volumetria em escala construtiva permitindo a sustentação de





## A evolução e transformação da paisagem cultural no território de Ervedosa do Douro

mais terra, e compreendem mais bardos de vinha, 8 a 10 e em vários casos 20 a 40, sendo os que existem em maior expressividade neste território, e proporcionam uma nova cenografia das vinhas.

Associada a esta arquitetura vernacular, aparece um conjunto de práticas construtivas e diversas técnicas de aparelhamento do xisto, que de forma funcional, procurava responder a questões do quotidiano e prática agrícola, sendo construídas escadarias e rampas de acesso, muitas vezes embutidas na própria parede do muro, como forma de circulação entre os vários socalcos. Existem ainda outras escadarias em que apenas

parte do lajeado é embutido no muro, permitindo a estabilidade da escada, são as denominadas *escada de salta cão*. A base destes “novos socalcos” é mais larga, diminuindo até ao topo, ao seu coroamento, existindo um estreitamento do muro em cada fiada de xisto utilizado. Todo este trabalho é realizado de forma manual, por pedreiros e trabalhadores rurais, vindos muitas vezes de outras regiões. Nesta observação pelas várias técnicas construtivas, aparecem alguns exemplares de socalcos e escadarias que eram, e ainda são, caiados de cor branca. A construção de socalcos, não compreende só a cultura da vinha. O declive e orografia do terreno

levou a que ao longo dos tempos, fossem construídos manchas de socalcos para a cultura da oliveira, existindo casos em que prolifera a oliveira e a vinha na mesma parcela de terreno, ou noutros, a oliveira é plantada nos limites dos socalcos de vinha, nas suas bordaduras.

Este território conhece novas formas de armação do terreno, especialmente a partir da década de 60/70 do século XX, devido à escassez da mão-de-obra, e também à introdução da mecanização como forma de surribar as vinhas. São utilizadas máquinas que permitem realizar o desmorte das encostas, surgindo novas formas de

plantação da vinha. Para além de existirem vinhas contínuas numa parcela de terreno, surgem os patamares, armação de terreno com taludes de terra, no qual são plantadas duas linhas de bardo com videiras, permitindo a passagem de tratores para a realização dos trabalhos agrícolas, e que seguem a orientação das curvas de nível. Uma outra forma de plantação é a denominada vinha ao alto, em que a vinha é plantada segundo as linhas de maior declive do terreno, e mais recentemente, assiste-se à realização de micro-patamares com um ou dois bardos (nos antigos modelos de armação de vinha e em novas parcelas).







## As arquiteturas da paisagem vernacular

O território é o suporte físico do património vernacular, e ao sê-lo vai também sendo moldado pelas práticas culturais, sejam elas atividades de subsistência, representações sociais ou marcações simbólicas. Este património necessita de se adaptar constantemente para continuar a responder às necessidades sociais e funcionais, sob pena de ser abandonado por se considerar obsoleto, ou mesmo eliminado por recordar vivências menos dignificadoras.

A arquitetura vernacular é património arquitetónico de utilização diária, é funcional e característico da relação

entre as comunidades que o construíram, e o meio em que se inserem, e neste caso, com a centralidade da ambiência cultural da vinha e do vinho, e de outras culturas agrícolas paralelas que também foram implementadas neste território.

Para além da arquitetura da paisagem, da modelação e construção de geios e socalcos, aos pequenos aglomerados populacionais, encontram-se unidades de produção vitícola de pequena e média dimensão, as quintas produtoras de vinho com todas as suas construções habitacionais, espaços de produção e em alguns

casos o espaço religioso simbolizado na construção da capela privativa. Algumas são o reflexo e continuidade de pequenas unidades de produção que emergem durante a Idade Média, dependentes de diversas ordens monásticas que se foram estabelecendo no território do Douro e nos seus afluentes mais importantes.

Existem ainda outras construções nesta paisagem cultural, construídas como forma de dar resposta a uma determinada função, nomeadamente os moinhos, as azenhas de cereal e lagares de azeite que usavam a água ou a tração animal como força motriz, os fornos para secar figos, lagares de vinho, currais, abrigos e telheiros,

as eiras onde era “malhado” o cereal, os colmeais (e respetivos muros apiários que delimitam o espaço onde se realiza a produção de mel) os pombais (estruturas de planta circular ou em ferradura, com saídas de voo dos pombos direcionadas para Sul)...

A paisagem cultural do Alto Douro Vinhateiro associa, a uma área natural de encostas íngremes e solos acidentados, a ação ancestral do Homem na adaptação do solo xistoso às suas necessidades agrícolas, criando uma paisagem ao longo de centenas de anos expressa em socalcos e quintas, em pessoas e imaterialidades.





## O ciclo vegetativo da vinha

A presença do vinho neste território remonta ao período da romanização, com a introdução da cultura da vinha, para que posteriormente, e sendo um território com forte presença monástica durante o período medieval, a área de cultivo vai-se expandindo. Esta vocação vitivinícola é mencionada ao longo das diversas cartas de foral atribuídas durante o período medieval, assistindo-se em 1756, à criação e regulamentação pelo Marquês de Pombal, da primeira região de vinhos, a Região Demarcada do Douro. A vinha era uma cultura em crescimento, e ao longo dos tempos foi sendo a principal atividade económica.

Dessa vocação vitivinícola nasceu um mosaico paisagístico, expresso nos vários sistemas de armação do terreno. A videira assume um papel primordial nesta definição da paisagem, bem adaptada ao clima mediterrânico e suportando as variações de temperatura deste micro-clima.

Após o repouso do Inverno, em que foi realizada a poda na videira, assiste-se na Primavera, ao rebentamento dos gomos, para que nos meses de Abril e Maio nasçam os primeiros rebentos, folhas e cachos e se assista à aplicação de enxofre na videira como forma de desinfeção, e a paisagem ganha nova tonalidade momentânea.

De seguida segue-se o período de floração do cacho, nem todas as flores conseguirão ser bagos de uva, assistindo-se de seguida à fecundação, da qual resulta o bago, iniciando-se posteriormente ao seu processo de maturação.

Ao longo da maturação os bagos crescem de tamanho e variam de tonalidade, passando do verde, para as tonalidades amareladas e avermelhadas. O amadurecimento do bago é a fase prévia da vindima, onde a uva vai atingindo o grau de açúcar ideal para a produção de vinho.

Por Setembro e Outubro o ritual, a azáfama e o ciclo da vinha e do vinho, encontra o seu expoente máximo na recolha da uva, nas vindimas. A paisagem deixou a cor verde, e adotou a cor amarela, tons laranja e avermelhado... será assim durante este espaço temporal, ainda celebrado em alguns locais, com o S. Miguel das Uvas, o fim das vindimas e o repouso momentâneo da videira...

Ao longo deste ciclo vegetativo, e com o desenvolvimento das diversas atividades vitícolas, a paisagem vai adquirindo formas e tonalidades muito próprias.







Vale do rio Torto  
(panorâmica a partir  
da E.M. 505)



Vale do rio Torto  
(panorâmica a partir  
da E.N. 222)

Ventozelo  
(panorâmica a partir  
da E.N. 222)





## Unidades de paisagem: pontos de contato visual



Milhares de fragmentos em xisto, agrupados e em uníssono, moldam e caracterizam esta paisagem vinhateira. Ao longo de vários anos foram construídos manualmente os diversos sistemas de socalcos que se podem visualizar ao longo deste vale, serpenteado pelo rio Torto. Casais do Douro implanta-se na tipologia de povoado duriense atravessado por uma estrada à volta do qual emerge esta paisagem.

O xisto predomina por todas as construções da paisagem, é um elemento de construção e é nesta tipologia de solo que se implantam e crescem as videiras. Socalcos, caminhos, escadarias, construções habitacionais... a construção vernacular encontra neste território elementos descritivos da essência Douro, parte integrante da área classificada do Alto Douro Vinhateiro Património Mundial.

Neste território do vinho, encontra-se a pequena e média propriedade, que em conjunto constroem esta paisagem.

Ao longo desta vasta amplitude visual, observam-se desde logo vários sistemas de implantação da vinha, onde após a realização do arroteamento manual para o seu plantio, eram construídos grupos de socalcos em xisto, onde eram plantados 2 bardos de vinha (pré-

filoxéricos) e posteriormente, socalcos com 8 a 10 bardos de vinha, ou 20 a 40 bardos (pós-filoxéricos). Em frente o povoado do Sarzedinho. Complementa-se esta paisagem no efeito visual das bordaduras, especialmente com a introdução de oliveiras, e ao aparecimento de matos mediterrânicos em antigos socalcos de vinha e olival que foram abandonados. Ao fundo, o curso de água do rio Torto.



Casais do Douro

E.N. 222 41° 16' 89" N 7° 54' 52" W



Sarzedinho

(Cascalheira) E.N. 222 41° 16' 44" N 7° 52' 92" W





## Unidades de paisagem: pontos de contato visual



Descendo em direção ao rio Torto (percurso 1) visualizam-se várias quintas com todo o seu espaço habitacional e estruturas de apoio, assim como antigos mortórios colonizados pela flora característica do Douro (urze, esteva, medronheiro) e a presença do sumagre, planta arbustiva antigamente utilizada e comercializada para a indústria dos curtumes existente no Vale do Ave, Covilhã e Norte da Europa.

Na outra margem do rio Torto, o povoado do Sarzedinho, rodeado por pequenas propriedades e quintas, sendo visível no cume, uma mancha florestal a coroar o vale do rio Torto.

Ao longo da descida, e até se atingir a ponte rodoviária sob o rio Torto, pode-se ainda visualizar os vários sistemas de implantação da vinha, e o efeito das bordaduras proporcionada pela oliveira.

Atravessando a ponte rodoviária sob o rio Torto, e subindo em direção ao Sarzedinho, pode-se observar todo o percurso realizado anteriormente, toda a paisagem cultural e agrícola da margem direita do rio Torto.

A orografia deste vale está relacionada com este recurso natural que a define, o rio Torto. O seu percurso é muitas vezes definido pela

vegetação da sua galeria ripícola (choupos, amieiros), e por vezes pelos vários sistemas de armação de terreno da vinha, construídos a partir das suas margens até altitudes mais superiores.

Se na primavera o verde predomina e sobressai nesta paisagem, o vermelho e o amarelo do início do outono (por vezes a época das vindimas) transmitem o aproximar de mais um final de ciclo vinícola.



Sarzedinho E.M. 502 41° 16' 36" N 7° 51' 65" W



Sarzedinho E.M. 502 41° 15' 90" N 7° 51' 84" W





## Unidades de paisagem: pontos de contato visual



Na ponte rodoviária sob o rio Torto, e tomando a direção para Castanheiro do Sul (percurso 2), pode-se percorrer a paisagem da margem esquerda do rio Torto.

Ao longo deste percurso subsistem diversos sistemas de armação de vinha, desde os primeiros socalcos construídos com xisto (aparelhado e talhado, e em alguns casos caiado de branco), os novos patamares

mecanizados que acompanham as curvas de nível e serpenteiam a paisagem e os sistemas de implantação de vinha ao alto, para além das diversas construções vernaculares de carácter habitacional (as quintas) e funcional (os cardenhos). Subsiste ainda a oliveira, ora implantada em bordadura (à volta da vinha) ou em olival com socalcos de xisto.

Tendo ainda como referência a ponte rodoviária sob o rio Torto, antes de a atravessar, e tomando a direção para Ervedosa do Douro, pode-se percorrer o território agrícola da margem direita do rio Torto, atravessando diversas quintas produtoras de vinho, e observar para sul, a cenografia do percurso 2.

Observando esta paisagem, e tendo como cenário de fundo o rio

Torto, é perceptível toda a paisagem agrícola que foi construída pela força humana, e onde recentemente também foram implantados novos sistemas de armação de terreno que permitem a mecanização. Espaços agrícolas, com ciclos, rotinas e quotidianos expressos num território do vinho, território consagrado à cultura da vinha na Região Demarcada do Douro.



Sarzedinho / Castanheiro do Sul

Caminho agrícola

41° 15' 45" N	7° 50' 87" W
41° 13' 94" N	7° 50' 08" W



Sarzedinho / Ervedosa do Douro

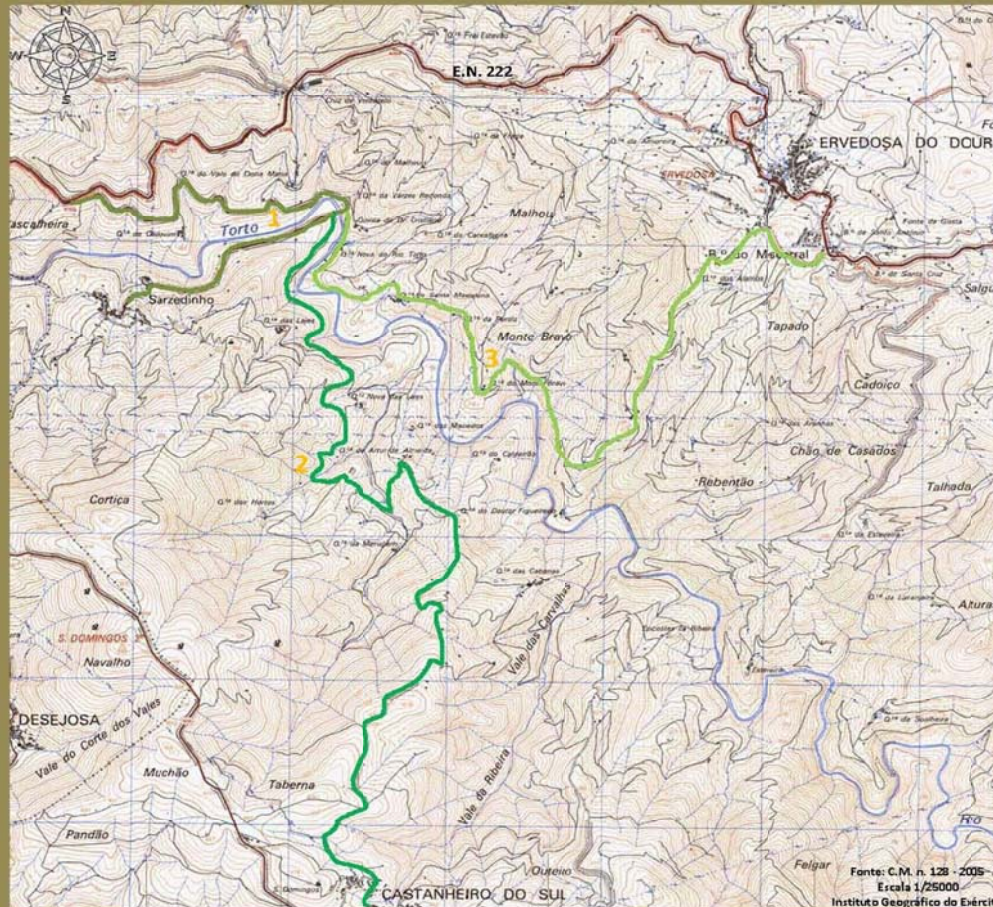
Caminho agrícola

41° 15' 82" N	7° 50' 71" W
41° 15' 58" N	7° 48' 35" W

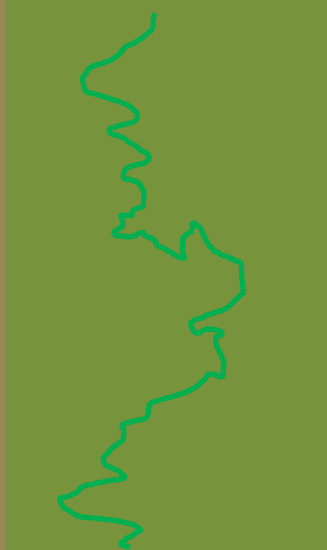




## Unidades de paisagem: pontos de contato visual



1 Sarzedinho



2 Sarzedinho  
Castanheiro do Sul



3 Sarzedinho  
Ervedosa do Douro





## Unidades de paisagem: pontos de contato visual



Atravessando o povoado de Sarzedinho, passando por entre vinhas e olivais, e subindo em direção à Capela de Santa Bárbara (existe sinalética indicativa do local) pode-se observar a oeste o povoado de Casais do Douro, a norte toda a paisagem cultural, agrícola e natural do vale do rio Torto, atravessada pelo principal eixo de comunicação deste território, a Estrada Nacional 222.

Junto a esta capela de invocação a Santa Bárbara (é muito frequente a construção destes pequenos ermitérios de invocação a Santa Bárbara neste território agrícola, como forma de proteção do “sagrado” face às intempéries da Natureza sob o território agrícola), visualiza-se na direção este, a continuidade desta paisagem vitivinícola ao longo do vale do rio Torto e o limite do aglomerado de Ervedosa do Douro.

O percurso da Estrada Nacional 222 (estrada que inicia em Vila Nova de Gaia e termina em Almendra-Vila Nova de Foz Côa, e cujo troço entre o Peso da Régua e o Pinhão foi considerado como o melhor do mundo para se conduzir) proporciona neste território uma vista privilegiada sob toda a cenografia do vale do rio Torto.

Ao longo do itinerário que percorre e serpenteia este vale vitivinícola,

atravessam-se lugares, povoados e aglomerados populacionais, assim como se pode observar em determinados momentos a sua distribuição e localização nesta paisagem, sendo de pequena dimensão, alguns com um núcleo central (mais antigos) ou de forma linear ao longo de uma via de comunicação. Em ambos, subsiste na sua periferia, o espaço agrícola, e a sua evolução contínua, de construção da paisagem.



Sarzedinho

(Capela de Santa Bárbara)

Caminho agrícola

41° 15' 54'' N

7° 51' 64'' W



Sarzedinho

(Vale do rio Torto)

E.N. 222

41° 16' 76'' N

7° 51' 66'' W





## Unidades de paisagem: pontos de contato visual



Tendo o rio Douro como cenário visual, as referências a este local surgem-nos na Idade Média, e ao aforamento destas terras ao Convento de S. Pedro das Águias. A cultura da vinha e do vinho já era uma prática referenciável, e de cultivo neste território.

Para além dos socalcos pré e pós filoxéricos, surgem os novos sistemas de vinha que seguem a orientação das curvas de nível do

solo ou a “vinha ao alto”, possibilitando a mecanização de muitas tarefas do quotidiano agrícola.

São visíveis várias quintas produtoras de vinho, onde para além de serem espaços habitacionais, congregam construções de apoio agrícola, como seja a adega e os lagares, existindo casos, em que subsistem outras construções de apoio, como o colmeal, o pombal...

O vale de Frei Estevão é um espaço eminentemente de cariz vinícola, onde o novo território do vinho encontra uma expressividade contínua e consistente.

Ao longo deste vale, os ritmos e quotidianos são marcados paulatinamente pelos valores e ciclos da cultura da vinha, expressa no toque de um brinde...

Com o rio Douro “a tocar” e a fortalecer esta cenografia, os tons naturais desta paisagem cultural proporcionam diversos momentos sublimes ao longo do ano, podendo ser observadas as diversas tonalidades “oferecidas” pelo ciclo natural da vinha.

As linhas definidoras deste vale são ténues, curvilíneas... marcam a paisagem, são femininas, e todas muito diferentes.



Ventozelo E.N. 222 41° 17' 28" N 7° 50' 81" W



Frei Estevão E.N. 222 41° 17' 25" N 7° 49' 03" W





## Unidades de paisagem: pontos de contato visual



Sobranceiro ao rio Douro, o vale de Roriz caracteriza-se pela existência de diversas quintas produtoras de vinho, implantadas num cenário natural, característico e singular do vale do Douro. As reminiscências à produção de vinho, transportam-nos para a Idade Média, contudo, é com o impulso da criação da Região Demarcada do Douro, em 1756, que se assiste à implantação e construção de

quintas, assim como à difusão da vinha.

A panorâmica proporcionada neste local, reverte-nos para a transformação da paisagem, em território do vinho. Ao longo da margem esquerda do rio Douro, subsistem diversas quintas produtoras de vinho, que em vários casos possuem, para além do espaço habitacional, espaços de transformação do vinho.

Em pano de fundo, na outra margem do rio Douro, a linha de caminho-de-ferro... anteriormente, existiam pequenas barcas de passagem que efetuavam a travessia do rio Douro com pessoas, animais e bens, para vários apeadeiros que se localizam junto à linha de caminho-de-ferro do Douro.

Neste local, existiram estruturas de exploração mineira, onde era

extraída a cassiterite e a galena. A cultura da vinha encontrou neste território, condições favoráveis para a sua implantação, beneficiando de ótimas características climáticas e naturais.

O percurso pedestre PR 2 – Pequena Rota das Vinhas, que se inicia em Ervedosa do Douro, e atravessa este vale, tem uma parte do seu percurso junto ao rio Douro.



Roriz Caminho agrícola 41° 18' 76" N 7° 48' 33" W



Roriz Caminho agrícola 41° 18' 67" N 7° 48' 13" W





## Percurso Pedestre PR 2

Pequena Rota das Vinhas



Troço do Percurso  
Pedestre do PR 2



[www.sjpesqueira.pt](http://www.sjpesqueira.pt)

Roriz  
Vale do rio Douro



## Ficha Técnica

Coleção: Percorrer e Conhecer...

Título: Percorrer e Conhecer... Ervedosa do Douro

Entidade Promotora: Câmara Municipal de S. João da Pesqueira

Coordenação: Gabinete de Ação Social, Educação e Cultura

Texto, Fotografia e Conteúdos: Gabinete de Ação Social, Educação e Cultura (A.O.)

Fontes Manuscritas: Arquivo Municipal de S. João da Pesqueira

Reservados: Livro do Tombo dos Bens do Concelho de Ervedosa do Douro (1755 a 1849)

Código de Posturas da Câmara Municipal de S. João da Pesqueira (1871)

Livro dos Autos de Arrematação das Barcas de Passagem (1936 a 1965)

Livro do Registo dos Manifestos de Jazigos ou Depósitos Naturais (1942)

Archivo Rural, Jornal de Agricultura, vol. XI, Artes e Ciências Correlativas, Lisboa (1868)

Revista Universal Lisbonense, vol. II, série III, n. 6 (1843) e Revista Lusitana, vol. XXVII, Lisboa (1929)

Créditos Fotográficos: Câmara Municipal de S. João da Pesqueira (A.O)

Edição: Câmara Municipal de S. João da Pesqueira

Novembro de 2015



Todos os direitos reservados







